A EVOLUÇÃO DO DESENHO DA CRIANÇA

ANA PAULA CUNHA FAUSTINO

RESUMO
Esta pesquisa aborda o desenho da criança e sua importância para o seu desenvolvimento como cidadão, o explorar da criatividade, ludicidade e espontaneidade natural do qual a criança que se dá no seu impulso criativo. O trabalho de artistas importantes da história da arte mundial dos quais se espelham na simplicidade das formas e ausência de regras ao expressar-se do qual apenas as crianças possuem. A pesquisa também aborda as fases do desenho da criança e a perda da espontaneidade que se dá na adolescência. Questiona-se por que o desenho da criança não é considerado arte e reforça a importância de um currículo de arte desde o ensino infantil. A autora deste artigo, Ana Paula Cunha Faustino, professora de arte na secretaria de educação da cidade de São Paulo, graduada em Artes Plásticas e pós-graduada em Metodologia do ensino das artes pela Universidade Braz Cubas.
Palavras-chave: Arte, desenho, criança, artista
ABSTRACT
This research addresses the child's drawing and its importance for its development as a citizen, the exploration of the creativity, playfulness and natural spontaneity of which the child gives in his creative impulse. The work of leading artists in the history of world art whose mirrors the simplicity of forms and the absence of rules in expressing themselves that only children have. The research also addresses the phases of the child's drawing and the loss of spontaneity that occurs in adolescence. It is questioned why children's drawing is not considered art and reinforces the importance of an art curriculum since early childhood education. The author of this article, Ana Paula Cunha Faustino, art teacher at the education department of the city of São Paulo, graduated in Fine Arts and postgraduate in Art Teaching Methodology from Universidade Braz Cubas.

Keywords: Art, drawing, child, artist

INTRODUÇÃO

A arte está presente no cotidiano da criança desde seu nascimento. Cantam antes de aprender a falar, dançam e se movimentam com o encantamento de uma música antes mesmo de aprenderem a andar sozinhos. Riscar, rabiscar e desenhar em paredes, papéis, na terra, onde a imaginação mandar. A brincadeira de faz de conta com os colegas é quase um esquete teatral. A magia, imaginação e sentimentos acompanham as crianças e seu desenvolvimento. E a arte, por sua vez, mostra sua importância ao propiciar situações mais lúdicas e divertidas de aprendizagem.

O ambiente escolar deve favorecer espaços dos quais as crianças sintam-se protegidas, tranquilas e que sua imaginação seja estimulada. Quanto mais rico e diversificado com brincadeiras e contato com diferentes linguagens da arte o ambiente for, mais desafiador e benéfico será para a criança.

Segundo Carvalho, Inoue e Buoro (1998), o trabalho com movimento (dança, teatro, brincadeiras) contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade das crianças, abrangendo uma reflexão acerca das posturas corporais implicadas nas atividades voltadas para ampliação corporal das crianças. Muitas vezes, o movimento na escola é visto como bagunça ou indisciplina, e o educador, por sua vez, acaba podando a criança de se movimentar e descobrir as potencialidades e limites do próprio corpo.

A aula de arte deve explorar a motricidade das crianças, além das artes visuais, do qual introduz diferentes técnicas e a exploração de materiais, como tintas, colagens, criação de brinquedos e personagens com materialidade reciclável e desenvolver ao máximo as potencialidades criativas da criança.

MÉTODO

Esse artigo usa um método bibliográfico de pesquisa, e recorre a autores como Fayga Ostrower (1991), artista plásti-

ca brasileira nascida na Polônia. Atuou como gravadora, pintora, desenhista, teórica de arte e professora.

No livro "A criança e o artista", Tarso (1995) faz uma pesquisa sobre a evolução do desenho das crianças, estuda sua ludicidade e criatividade espontânea. O autor fala da relação da criança e da arte em todo seu desenvolvimento, inclusive na alfabetização. Ou seja, esta pesquisa fala da importância da imagem e da arte para o desenvolvimento pleno do ser humano na infância.

Para enriquecer a pesquisa, foi consultado documentos para o currículo da secretaria de educação das prefeituras, das quais mostra na prática o que é trabalhado com crianças das escolas públicas.

O artigo também apresenta pesquisas dos autores Fusari (2010), Doutora na área de televisão e vídeo para educadores e Ferraz (2010), Doutora em Artes, ambas educadoras, no livro "Arte na educação escolar", do qual é um livro sobre o ensino e aprendizagem em arte, enfocados pelo prisma da educação artística e estética. Para isso, defendem o estudo das linguagens da arte, da teoria e história da arte. Também defendem a Proposta Triangular da autora Ana Mae Barbosa (1987).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Arte para quê?

No livro A criança e o artista, o autor, Paulo Tarso (1995), cita dois métodos de ensino em arte muito utilizado, o primeiro, chamado: "arte como intuição sensível", que no Brasil é erroneamente entendido como "livre expressão", do qual procura desenvolver o potencial criador da criança sem intenção de formar o artista, ou seja, o importante é o processo e não o produto. As aulas de arte que utilizam esse método são preenchidas por técnicas e atividades práticas sem um embasamento teórico, ou seja, não se estuda arte de fato. O segundo método, o autor chama de arte como "informante", neste caso, a história da arte é valorizada e o aluno encorajado a aprender sobre movimentos artísticos e estilos de artistas. Muito bom para o desenvolvimento cultural do estudante, porém, tem o poder de destruir sua imaginação criadora, já que o estudante sempre deve se basear no trabalho de algum artista, estilo ou movimento de arte.

Nos dois métodos, um chamado Educação artística e o outro Arte educação, tem suas potencialidades e falhas. Eis o desafio. Como ensinar arte para uma criança? Para responder esse questionamento, a pesquisa de Tarso (1995), traz novas referências para a fundamentação da ação educativa de arte nas escolas. O autor analisa o desenho da criança e suas características mais marcantes, o ato de brincar e o lúdico na ação infantil. Além disso, examina o impulso criador da criança e sua relação com o contato com as artes plásticas.

O desenho da criança

O autor Paulo de Tarso (1995), compara o ato de desenhar da criança como uma relação de brincar, do lúdico. A característica de seus desenhos tem muita relação com a idade e contexto sociocultural e social da qual está inserida, já que sua personalidade se forma de acordo com a sua vida cotidiana. Isso se reflete nas suas brincadeiras e maneira de se
expressar artisticamente.

O adulto poderia orientar e facilitar a adaptação social da criança, mas
geralmente não é isso o que acontece. A criança é um ser sociável, quer se comunicar, quer ser livre e no entanto, o adulto, por meio de certos condicionamentos, é um empecilho que a limita e a impede de ser
espontânea. (TARSO, 1995, p.19)

Tarso (1995), salienta que o adulto poda o desenvolvimento natural da criança com autoritarismo, compara um ser que funciona com o lúdico e faz de conta com ele próprio. Para uma criança aprender, segundo o autor, ela deve experimentar e vivenciar o máximo de linguagens da arte e ter contato com diversos materiais e espaços. Se ela errar, deve repetir o ato até aprender sozinha por meio da experimentação e da experiência.

O autor enfatiza o quanto é errôneo tratar uma criança como adulto ou ser inferior. Isso faz com que sua "sensibilidade definhe", aponta.

"A perda do lúdico, provoca na criança o
envelhecimento precoce e a atrofia da espontaneidade"
(TARSO, 1995, p.22)

É importante que a criança dentro das peculiaridades da sua infância seja respeitada, que sua espontaneidade seja aceita e valorizada. Ao obedecer às ordens de um adulto, ela deve entender o porquê sem sentir-se injustiçada.

O desenho da criança inicia aos dois anos de idade, quando se interessa pelos efeitos que os lápis têm no papel. Aos três anos, os traços são mais firmes com rabiscos, ziguezagues e círculos imperfeitos. Com a prática, começam a aparecer mais círculos, mesmo que imperfeitos, mas um grande avanço para a criança. A partir destes círculos, detalhes passam a fazer parte do desenho, são riscos que lembram uma Mandala ou raios de sol. Este sol pode evoluir para um rosto humano, com cabelos e rabiscos que se tornam o corpo.

Embora o processo de interpretação da figura humana tenha uma contínua mudança, isso sucede de modo lento e gradual. Mesmo tendo a criança descoberto a possibilidade de desenhar a face e alguns membros, o tronco e demais minúcias vão sendo acrescentadas aos poucos. Na figura humana derivada do sol parece existir somente a cabeça. Essa forma fica de tal forma arraigada na criança, que mesmo após acostumar-se a acrescentar o tronco ainda manterá por algum tempo os braços saindo da cabeça. Após habituar-se a colocar os braços saindo do tronco, por volta de quatro ou cinco anos, passa a mostrar a figura humana de modo mais minucioso, com os dedos dos pés e das mãos, as orelhas, o umbigo e outros detalhes. Parece não perceber que essas mudanças vão se processando com o tempo. (TARSO, 1995, p 28)

Segundo o autor, com o passar do tempo, o desenho da criança fica mais minucioso e aparece o espaço dos objetos e personagens, como uma mesa com algo em cima, por exemplo. Aos seis anos, a visão de mundo egocêntrica da criança vai se distanciando, então a questão sociocultural da qual está inserida começa a interferir mais no desenho. Além de questões afetivas com os personagens que aparecem, costumam desenhar muito a família, animais de estimação e amigos, geralmente aqueles que possuem mais afinidade. Há uma natural falta de perspectiva nos desenhos, ou seja, tudo aparece no mesmo plano, mas neste momento, ela coloca uma "base" para os objetos, como se fosse o chão.

Nesta fase, Florence de Méredieu denomina os desenhos das crianças de "plano deitado irradiante" e "plano deitado axial", ambos não apresentam perspectiva nos objetos e a criança sempre é o centro da ação daquilo que foi desenhado, que sempre aparece como
estivessem deitados.

Tarso (1995), salienta que o desenho da criança se torna mais complexo aos dez anos, quando passa aparecer a profundidade e mais lógica a produção, perdendo aos poucos a espontaneidade. Próximo à puberdade, quando sua visão analítica e realista faz com que fique mais exigente, tentando retratar os objetos mais próximos do que eles realmente são.

Geralmente, os adolescentes ao desenhar tornam-se mais dependentes de motivos ou objetos à sua frente. Não o faz com a naturalidade de antes.

Torna-se um crítico rigoroso de si mesmo. Dá demasiada importância ao produto final da criação, sendo que antes o que importava era o fazer, isto é, o processo. Na maioria das vezes, a sua habilidade está inadequada para
produzir aquilo que deseja como cópia exata do que vê. Isso conduz a uma
insatisfação com o resultado final dos seus desenhos, colaborando para que sua vontade em fazê-los decresça. (TARSO, 1995, p. 36)



Imagem 1. Evolução do desenho infantil

Percebe-se que o adolescente deixa de ter aquela espontaneidade natural da criança ao desenhar, sua cobrança faz com que se preocupe demais com o resultado da sua criação e não com o ato de desenhar que antes lhe dava tanto prazer. Por esse motivo, passam a ter a necessidade de desenhar sempre olhando um objeto ou imagem.

Segundo o autor, sempre pensamos que a criança desenha formas simples porque é mais fácil e tem dificuldade com a coordenação motora fina. Tarso (1995) cita Arnhein, do qual observa que a criança não possui essas características, mas representa as coisas de formas simples porque vê o mundo dessa forma.

As crianças possuem grande senso de observação e quando está inserida num contexto de violência, como guerras ou passou algum tipo de abuso, retrata a crueldade que vivenciou com acontecimentos atuais: casa, flores, sol, etc.

A criança tem enorme interesse em manipular e investigar materiais diversos: caixas vazias, tampinhas, sementes e sucatas, organizando-os em novas situações, para atender às suas intenções lúdicas. Desenhar para ela também é tão natural quanto brincar. Age com impulso espontâneo, numa curiosidade que emana da sua própria ação. As suas vontades não são avaliadas antecipadamente. Os atos de brincar e de desenhar acontecem no presente imediato. Para a criança, o presente seria o desejo impulsionando a ação, o movimento. (DERDYK, 1989, p.118).

Para a criança, desenhar é tão natural quanto brincar, ou seja, o desenho é uma ação lúdica. Quando desenha, a criança está brincando, muitas vezes sente-se como o personagem que está representando, que pode ser um super-herói, uma princesa ou um animal feroz. Neste momento, ela pode desenhar por cima do que havia feito mudando a história e fazendo parte dela. A brincadeira e a ludicidade acontecem enquanto desenha, a criança sente prazer nessa ação.

Brincar e desenhar com espontaneidade faz parte da natureza da criança. É necessário que o adulto a auxilie a não perder essa imaginação fértil que se manifesta principalmente por intermédio da sua ação lúdica. O adulto é reflexo de sua infância, e só por isso já bastaria para que essas atividades merecessem respeito. (TARSO, 1995, p. 42)

A criança e a arte

Segundo Tarso (1995), o homem é um ser sensível do qual apresenta sensações e sentidos que o auxiliam a ter uma visão própria do mundo exterior. As suas memórias sempre podem vir à tona, modificando o ser do presente e nele influenciando. O olhar para o mundo, vivências anteriores provocam o olhar do artista, que muitas vezes interfere no olhar da criança. O autor cita Edith Derdyk, que diz:

Eu olho a cadeira que pretendo desenhar. A cadeira me lembra um acontecimento do dia anterior. Desenhar evoca o acontecimento incitando a invenção e a projeção de uma nova situação para a cadeira, num outro tempo, num outro espaço. Na criança, esse jogo criativo se faz naturalmente, de uma maneira solta, aparentemente caótica, sem método. O resultado gráfico do desenho, às vezes, pode até não corresponder ao alto grau de intensidade vivida no ato de desenhar. Mas, com certeza, manifestam-se operações

mentais como: imaginar, lembrar, sonhar, observar, associar, relacionar, simbolizar, representar. (1989, p. 121)



Imagem 2. Navio no mar por uma criança desconhecida.

A autora estuda e valoriza a espontaneidade da criança, que vai se perdendo ao longo dos anos, e na adolescência passa a ter extrema preocupação com o produto, não valorizando tanto a ludicidade e o impulso criativo que vêm de forma mais tímida. O que nós, educadores, podemos fazer para que essa

espontaneidade natural da criança não se perca na adolescência?
Tarso (1995), cita Dalmo Dallari, que diz que a criança por natureza é alegre e animada, e coloca o afeto em tudo o que faz, nas brincadeiras, ao desenhar demoradamente uma letra, ou até mesmo em seus desenhos(...).
"A criança, quando desenha, coloca um sentimento instantâneo a respeito do que transpõe graficamente, ao interpretar o que observa, ao criar ou ao relembrar cenas. A imaginação é gerada pela capacidade de relacionar e de estabelecer combinações de tais imagens, incorporando o sentimento ao processo do pensamento. |Isso se processa com maior ou menor ênfase, no âmbito da fantasia" (TARSO, 1995, p. 48).
O impulso criativo é algo complexo de ser explicado, porém, o autor Rollo Moy, a partir de suas pesquisas na área, identificou que é dividido em quatro momentos sendo que o acaso sempre está presente. Sentimentos como ansiedade, regozijo, culpa e gratificação fazem parte desse impulso até o trabalho finalizado. Os autores acreditam que a criança está numa situação privilegiada, já que tem facilidade de "fantasiar" o mundo, ativando seu processo criador ao misturar "situações imaginárias com o racional".
"A fantasia expande a faculdade criadora, tornando-se importante ao ser humano, pois ela é a essência do processo do pensamento, capaz de conduzir às ideias inovadoras, além do conhecido e do estabelecido. Quando convive com a fantasia, a criança armazena meios para superar a banalidade da imitação que conduz a uma repetição fútil dos valores e da conduta humana
(...) A criança parece possuir a chave do segredo, o dom que ativa o processo criador. Quando ela descobre a sua imaginação, percebe que pode ir além da sua experiência imediata, porque pode ver situações que não existem. Ela
aglutina nessas situações imaginárias suas fantasias e também sua exploração racional. Essa facilidade em "fantasiar" o mundo, coloca-a numa situação privilegiada". (TARSO, 1995, p.52).



Imagem 3. O desenho da criança e os artistas

Tarso (1995) compara os desenhos das crianças com a arte do homem primitivo. Apesar da grande história e beleza, o desenho do homem da pré-história é dotado de formas simples, ausência de perspectiva e o sentimento da pessoa que o desenhou. Não é preciso se parecer com a realidade, já que o que está sendo retratado é apenas a visão de quem o fez.
A criança também desenha figuras humanas de frente com os pés virados para a esquerda ou direita, muitas vezes também desenha o rosto de perfil com os olhos para frente. Podemos comparar esse desenho com pinturas deixadas pelos antigos egípcios. Se a arte é uma interpretação da realidade, dentro da visão do artista, a criança entende esse conceito de forma muito mais natural que os adultos.
Artistas como Van Gogh e Picasso eram grandes conhecedores das técnicas tradicionais de pintura, porém, observamos dentro da obra de cada um seu estilo pessoal. Van Gogh com suas pinceladas espessas e Picasso com formas geometrizadas e muitas vezes deformadas. Ora, para o artista desenvolver uma poética tão singular em sua obra, é necessário ser um exímio conhecedor das técnicas e saber que "a técnica é um meio e não um fim em si mesmo" (Tarso, 1995).
O autor compara a obra "As senhoritas de Avignon", de Picasso, com os desenhos das crianças, já que o artista desenhou apenas o essencial, simplificando as formas. Apesar da obra ter um grande apelo erótico, questões formais e técnicos podem ser comparados sim com o desenho espontâneo das

crianças. Picasso não demonstrou nenhum aspecto tridimensional ou perspectiva na obra, apesar de ser conhecedor dessas técnicas. A imaginação criadora das crianças é livre, assim como ele buscou nessa e em outras obras. Dizia Picasso:
"Na idade deles eu desenhava como Rafael, mas me foi preciso toda uma existência para desenhar como eles" (APUD CHARMED, 1969, p.253).



Imagem 4. As Senhoritas de Avignon, Pablo Picasso, 1907.

No século XX o artista passou a sentir necessidade de retratar seu mundo interior, suas sensações e sentimentos, além de desenvolver um estilo pessoal. A maneira de representar as pessoas, animais, coisas e paisagens passam a ser de forma mais instintiva, assim como a pintura das crianças, que é espontânea e despreocupada.
Pinturas de artistas como Paul Klee e Joan Miró ainda se assemelham muito com os desenhos do mundo infantil. Mondrian, que trabalha com formas geométricas, linhas e abstrações, lembra as primeiras fases do desenho das crianças, que é até os três anos de idade.



Imagem 5. Joan Miró, O Sol, 1929, Óleo sobre tela.
Entretanto, apesar de tantos artistas renomados valorizarem tanto o desenho das crianças, por que então, o desenho das crianças não é considerado arte?
"Para uma produção ser considerada arte, não basta ter sido produzida com essa finalidade, mas também ter sido apreciada e considerada como tal pela comunidade. A arte da relação criador, obra e espectador, podendo caracterizar-se pelo diálogo histórico-historial, conforme palavras de Dettoni. Quando isso acontece, ultrapassa as balizas do tempo e da lógica. Com o fenômeno artístico acontece uma espécie de "multivalência" histórica. Lembrando Nunes, Dettoni menciona que são quatro as possíveis dimensões do tempo na arte: a primeira é a do tempo histórico horizontal, em que a obra é situada quando foi criada, interagindo com diversos aspectos culturais – social, político, religioso e moral. (1991, p.35)." (...) "A segunda dimensão, a vertical, relaciona o presente com o passado e o presente com o futuro". (...) "A terceira dimensão, a transversal, traz o passado reconquistado em suas tradições como estímulo da criação artística do presente." (...) "A quarta dimensão, é a temporalidade fundamental, que caracteriza o que há de permanente, de perdurável nas obras artísticas" (TARSO, 1995, p. 95 e 96).
Nesta citação, observa-se que para algo ser considerado arte, primeiramente precisa ser feita com essa intencionalidade, além de ser apreciada e reconhecida pela sociedade. Também deve ter uma relevância histórico-

-social, dialogar com as obras do presente ou inspirar as do futuro, provocar rupturas com imposições, ou ter uma importância para um povo seja de forma religiosa, política ou social.
Para ser arte, deve causar reflexão, pensamento, crítica, ou seja, questões que ultrapassam tempo, local do qual foi feita e interagir com a sociedade atual de alguma forma. Partindo desse pressuposto, entende-se que o desenho da criança é recheado de criatividade, espontaneidade, lúdico, fantasia, forma e conteúdo que inspiram artistas. Porém, não é considerado arte, daquela que vemos em galerias, mas é de suma importância para o desenvolvimento social e cognitivo do sujeito. Enfim, cabe a este momento a famosa reflexão do filósofo e crítico de arte Dino Formaggio que diz:
"A arte é tudo aquilo que os homens chamam de
arte" (1985, p.9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura e estudos sobre a arte e a criança, podemos dizer que a criatividade é um processo da relação entre a pessoa e o mundo. A criança, por sua vez, é espontânea por natureza, e por esse motivo seu impulso criativo se dá de uma forma mais fácil que um adulto.
O lúdico faz parte do cotidiano da criança, a fantasia, seres, coisas e lugares fantásticos estão em sua imaginação. Sabe-se que para criar é necessária uma expressão lúdica, ou seja, ao combinar algo lúdico com nossas vivências manifesta o impulso criativo ou o "criar". Por esse motivo que toda obra de arte tem algo de quem o criou, seja por questões históricas, sociais ou filosóficas. O desenho da criança nasce de forma natural, como uma brincadeira, e passa a retratar o mundo à sua volta com seu olhar despretensioso e sincero. Muitos artistas se inspiraram nessa maneira de expressar-se.
Partindo desse pressuposto, do qual entende que o ensino de arte é parte essencial do currículo das escolas para o desenvolvimento cultural e da expressão artística da criança, não apenas no desenho, mas em diversas linguagens que a disciplina oferece, como teatro, música, dança ou outras linguagens das artes visuais, como a escultura. Expressar-se por meio da arte é algo lúdico e natural para a criança, do qual deve ser desenvolvido e explorado em todo âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

Imagem 1. Evolução do desenho infantil
https://desenvolvendomentes.wordpress.com/2017/08/18/avaliando-o-desenvolvimento-atraves-do-desenho-da-figura-humana/

Imagem 2. Navio no mar por uma criança desconhecida.
https://pt.dreamstime.com/ilustração-stock-navio-do-desenho-da-criança-no-mar-image67742247

Imagem 3. O desenho da criança e os artistas
https://mariadejesuscastro.blogspot.com/2013/07/as-criancas-falam-atraves-de-seus.html

Imagem 4. As Senhoritas de Avignon, Pablo Picasso, 1907.
https://jornal.usp.br/cultura/picasso-o-icone-em-si-mesmo/

Imagem 5. Joan Miró, O Sol, 1929, Óleo sobre tela.
https://mbo.adventistas.org/befb_tag/joan-miro-print?page=7